

Conviver com as diferenças faz bem para todos

Por: Leonardo Gontijo | Foto: Divulgação

Apesar de todo o aparato Legal (publicação da Lei Brasileira de Inclusão) e 26 anos após o nascimento do meu irmão, ainda nos deparamos com escolas que negam a matrícula para pessoas com Down. Uma das principais bandeiras do instituto é a luta por uma escola realmente inclusiva.

A seguir relato como se deu o processo com meu irmão e alguns ensinamentos que devemos seguir: Após 17 negativas, e muita frustração, meus pais conseguiram uma escola que recebesse o Dudu. A primeira escola dele foi a 'Criatividade', que fica próxima à nossa casa, em Belo Horizonte (MG). Segundo meus pais, foi a única que aceitou recebê-lo com carinho e sem discriminação.

Nessa época, eles viveram momentos de muita tristeza, mesmo estando preparados para as dificuldades de se conseguir uma vaga nas instituições ditas normais. Foram muitos os senões, as negativas, as desculpas, as explicações. Foi, particularmente, difícil e triste receber o não de uma escola tradicional de Minas. Para o meu pai, que se sacrificou para oferecer uma educação de ponta para os três filhos, foi um balde de água fria, uma demonstração de que as instituições e, em última instância, a sociedade de um modo geral, estão despreparadas para conviver com as diferenças. O colégio que meu pai escolheu para seus três primeiros filhos rejeitou o Dudu, o que acabou resultando em uma ação judicial que não prosseguiu porque meu pai desistiu. Era muito sacrifício e frustração para continuar.

A desinformação é patente e as desculpas variadas. No caso da rejeição ao Dudu, as principais explicações foram: falta de preparo dos pro-

fessores; falta de infraestrutura; falta de garantia de resultados; receio de que os demais alunos pudessem maltratá-lo e a impossibilidade de ter alguém específico para controlar a situação; a necessidade de inúmeros testes e exames, inclusive de laudo médico para conhecer as condições da saúde da criança, bem como de laudo psicológico para avaliar a capacidade de convivência dele com as demais crianças; ele teria que chegar mais tarde e sair mais cedo para que outros pais não o vissem na escola; e pressão dos pais dos ditos 'alunos típicos'.

Infelizmente, nem todas as escolas tentam suprir o despreparo e acabam violando um direito constitucional. É necessário ter um olhar positivo para as condições de aprendizagem, o que ajuda a eliminar as barreiras e a compreender os limites em vez de acentuar as diferenças.

Enumero abaixo dez coisas que as pessoas vão aprender ao conviver com as pessoas com Down (adaptado da autora Sohar Dahini):

- 1) Aceitar melhor as diferenças e se tornar uma pessoa menos preconceituosa;
- 2) A se colocar no lugar do outro ao conviver com um colega que tem dificuldades que ele não possui;
- 3) A comunicação vai muito além do falar. Ela é feita de gestos, olhares e silêncios;
- 4) Vai aprender que pessoas com Down não são vítimas;
- 5) A vida vale a pena apesar das dificuldades;
- 6) A importância do cuidado e de ajudar ao próximo;
- 7) A ser flexível e ver que não existe apenas uma maneira de realizar as coisas;
- 8) A lidar melhor com suas limitações;
- 9) A dar valor a pequenas conquistas;

10) Que todo ser humano pode ensinar e aprender.

Não podemos educar ninguém enquanto não conhecermos o indivíduo que existe por trás de sua condição. Se educa um ser humano e não a síndrome de Down. As pessoas com Down têm habilidades e dificuldades como todos nós. A cada recusa de escolas e professores que alegam que não estão preparados fazem pensar que a escola não está preparada para funcionar, pois esquece que educar é antes de tudo humanizar. Se não está preparada para educar um aluno com Down, não está preparada para educar nenhum aluno, pois todos são seres humanos, logo passíveis de serem educados.

Portanto, a conclusão a que podemos chegar é: 'UMA ESCOLA ONDE NINGUÉM É DEIXADO DE FORA NOS ENSINA A VIVER EM UMA SOCIEDADE ONDE NINGUÉM É DEIXADO DE FORA'.



MANO DOWN

www.manodown.org.br